

Imerso Cotidiano

José Luis
de Villa

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2021

PREFÁCIO

Venho lhe convidar, caro leitor, para se permitir conhecer outros mundos, outras atmosferas e quase outros cheiros, aqui nessa obra de contos. *Imerso Cotidiano*, é a segunda obra de José Luís de Villa, tendo agora em pauta outros grandes e novos amores, para quem o acompanha haverá o entendimento, agora, nessa obra que você está preste a iniciar, amores líquidos, corriqueiros, altruístas e principalmente amor plural, José Luís nos convida a imergir no dia-a-dia, isso mesmo, da forma mais cotidiana e porque não dizer até mesmo ordinária, um convite irrecusável aos meus olhos, ao cotidiano, de pessoas comuns a nós, tão comum que sugiro não se assustar ao deparar com seu reflexo em qualquer uma das cenas, que no caso são tão belamente descritas e narradas.

Há o resgate de vozes que em outros momentos foram gritadas, porém oprimidas, muitas vezes esquecidas, por vários motivos e circunstâncias, além de muito silêncio no olhar, cenas de prazeres inerentes às vidas, prazeres rotineiros, brejeiro mesmo, bem próprio do ser humano.

São Marias, Rosalinas, Pereiras e tantas mais outras quanto você quiser, são mães, avós, primas, amigas, mulheres e até

mesmo as próprias amantes. São reais, impunemente reais a todos nós, e tão deixadas por todos, assim como na vida hoje se faz e sempre se fez necessário o levantar dessas vozes.

José Luís lança nessa obra provocativa um olhar extremamente delicado a peculiaridade da rotina, dos dias de semana, sem datas festivas, ou que seja, mas o principal, o convite ao cotidiano feminino e LGBTQI+, tantas vezes levado e deixado às margens sociais, desqualificando as posições e posturas, nesse momento atual onde esse assunto é indiscutivelmente necessário ser abordado e ampliado, e somente através de um olhar docemente delicado, para fazer do caos a poesia, do cotidiano o conto, da vida a arte. São corpos usados por todos, a todos os momentos e assim como na vida real, quase nunca pelas próprias protagonistas.

Em momentos de ódio como esses que estamos vivendo, os oásis do feminino, do que brota do feminino, o que luta, o que transcende a força diária, o que supera, se faz necessário ser colocado. A ocupação dos espaços e a defesa do laico.

Caro leitor a sugestão é que você se entregue a esse prazer da leitura, e principalmente permita-se a encontrar, a deixar-se provocar, e porque não até mesmo a chorar, sei que risos terão, então, relaxe e se proponha ao seu Imerso Cotidiano.

Com amor aos dias, à rotina e ao meu amigo José, eu lhes desejo uma boa leitura...

André Oliveira Novo

ROSALINA

“Viva como se tudo fosse uma despedida. Porque é.”

— WALCYR CARRASCO

Rosalina sempre chegava na padaria no mesmo horário. Sete e meia da manhã pontual e apressadamente. Pedia sempre as mesmas coisas: 04 pães de queijo, 01 rosca de coco e 4 pães franceses.

As sete e quarenta já estava no apartamento dos seus patrões com a água no fogo para coar o café. Babi, a cachorra poodle do casal acolhia apressada Rosalina com pulos, ela fazia um breve carinho e seguia para os afazeres. As oito em ponto André acordava, ela escutava o despertador tocar no quarto, era nesta hora que ela acabava de coar o café, na mesma ritualística de todos os dias.

— Bom dia, Rosa — disse André abrindo a janela da sala.

— Bom dia, seu André, como passou de ontem?

— Péssimo — disse sentando na mesa e mordendo um pão de queijo.

— Mas, por quê? — Perguntou Rosalina séria.

— O Gioavanne está numa gripe lascada, tossiu a noite inteira, foi um horror.

— Eu cansei de falar para o seu Gioavanne parar com essa mania de só comer fruta, verduras, essas coisas “na-

turais” que uma hora ele ia cair de cama, não come nada que sustenta o estômago.

— Acho que foi aquela viagem que fizemos a Ouro Preto, estava um frio de roxear as unhas — disse olhando a cachorra que pedia um pedaço da comida no pé da mesa.

— Eu ainda acho que são essas comidas que ele come, veja só, na minha casa nunca tínhamos nada pra comer, era leite com farinha se quisesse e nunca adoecemos — disse seriamente.

— Os tempos eram outros, Rosa, hoje em dia vários estudos mostraram a importância de se alimentar bem, comer produtos orgânicos. Digamos que os orgânicos são o leite com farinha da nossa época.

— Sei não, seu André, sei não. Porém, por bem ou por mal vou preparar um chá de casca de laranja com gengibre pra quando seu Gioavanne acordar.

— Acredito que ele não levanta tão cedo hoje, aliás, deixa ele dormir até mais tarde, agora pela manhã que a tosse foi dar uma aliviada. Já eu vou me arrumar e ir pro consultório, avisa o Gioavanne que não almoço em casa hoje, mas que jantamos juntos.

— Pode deixar, seu André, que aviso sim. Precisa comprar sabão em pó e umas outras coisas, posso fazer a lista pro senhor?

— Claro, coloca em cima do aparador que na saída eu pego.

Rosalina seguiu a vida. Lavou as louças do jantar, colocou comida para Babi e fez os afazeres que exigiam menos barulho. Tirou o pó dos móveis, bateu o tapete da janela e desceu com o lixo.

— Bom dia, Dona Rosalina — disse Ernesto, o jardineiro do prédio.

— Bom dia, seu Ernerto, olha aqueles beijinhos do bloco dos patrões estão precisando tomar um sol e serem regadas, estão murchas que só elas.

Rosalina não perdia a chance de falar e designar funções, se tivesse tido a oportunidade de estudar teria sido uma grande líder, mas a vida pobre que tinha na fazenda nunca lhe deu condições. Rosalina traçava a sina de boa parte dos brasileiros, teve uma infância rural. Não sabia dos tratos de gente importante, mas entendia de todo tipo de gente. Era feita de costuras, e arrematava com as próprias mãos a vida.

— Esses dias a megera esteve aí — disse Ernesto, acabando de tirar um sapatinho de nossa senhora do canteiro.

— Não é possível que ela teve essa coragem — disse indignada.

— Pois teve, chegou na maior arrogância dizendo que ia visitar o filho, e ainda perguntou seu Agenor se o “outro” estava em casa.

— Você só pode estar brincando, que dia foi isso?

— Foi na quinta-feira do feriado, você não veio trabalhar.

— Era festa do meu menino, seu André me liberou, eu bem queria vir pela manhã, a festa foi só a tarde, mas ele me proibiu.

— Mas, e aí você ouviu alguma coisa? — Perguntou para Ernesto.

— Ouvi eu não ouvi não, mas sei que ela passou bufando e esbravejando pelos quatro ventos.

— É uma megera mesmo, meu Santo Antônio que abençoe esses meninos, porque com uma mãe e sogra dessa, até os inimigos pedem perdão.

Seu Ernesto concordou com a cabeça e continuou trabalhando nas plantas. Rosalina jogou o lixo fora e subiu para o apartamento para continuar os afazeres do dia.

— Uai, seu Gioavanne, já está de pé?

— Estou, Rosa, estou péssimo, a gripe me pegou de jeito.

— Seu André falou mesmo, já preparei um chá de casca de laranja com gengibre, vou buscar.

— Rosa, Rosa, você é maravilhosa, o que seria de nós sem você, meu amor — disse sorridente.

— Aqui, toma tudo direitinho e toma uma aspirina também para complementar o chá.

— E pra comer o que o senhor vai querer? Tem pão, a rosca de coco que o senhor adora e bom, tinha pão de queijo, mas seu André comeu todos.

— Rosa, faz aquele mingauzinho de aveia com canela pra mim, por favor.

Rosa desencostou do portal da porta e foi para a cozinha, mas não tirava da cabeça que a megera tinha ido até a casa dos patrões e ela não estava lá, não viu quando perguntou:

— Uai, seu Gioavanne, a megera esteve aqui?

— Aí, Rosa, as notícias correm, hein — disse com leveza.

— Olha, seu Gioavanne, eu não tenho nada a ver com a vida do Sr., mas de seu André, mas se ela cruza meu barraco lá na comunidade, não tinha sobrado pedra sobre pedra.

Gioavanne riu, tossiu e disse:

— Não tem o que fazer, né, Rosa, por bem ou mal ela ainda é mãe do André.

— E, afinal, o que a megera queria aqui?

— Ela ficou sabendo — disse Gioavanne enquanto moradia a rosca.

— Sabendo do quê?

— Que eu e André resolvemos nos casar e fazer uma reuniãozinha para amigos aqui em casa.

— E o que tem de mais nisso?

— Você não conhece Margareth, ela achou o fim do mundo — disse que seria uma vergonha para a família, que tudo bem o André viver e morar comigo, mas que não via o porquê de casarmos.

Rosalina veio da cozinha com o prato de mingau, sentou na mesa e disse indignada:

— Eu não entendo, juro pro senhor que não entendo. Depois que seu Valtrudes morreu, ela mudou da água pro vinho, ficou amarga. Se Valtrudes estivesse vivo, nunca que ele iria deixar ela fazer uma afronta dessa. — E completou.

— Seu André deve ter ficado arrasado, né?

— Ele já aprendeu a lidar com a mãe — disse que não fazia questão da presença dela e ela saiu daqui rogando praga aos quatro ventos.

— Seu André é um homem maravilhoso, tem o coração enorme.

— De fato, Rosinha, ele é incrível — disse apaixonado.

— Rosa — disse Gioavanne.

— Sim, senhor.

— Eu e André conversamos e queremos que você seja nossa testemunha.

Rosa arregalou os olhos, e disse:

— Misericórdia, seu Gioavanne, está doido? Eu sou apenas a empregada.

— Não, senhora, você é da família ou já se esqueceu de tudo que fez por nós?

— Eu não fiz mais que a minha obrigação, vocês eram tão apaixonados.

— Pois então, e não aceitamos não como resposta — disse enérgico.

— Mas e nem tenho roupa pra isso — disse aflita.

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

AUTOR
contatoafetocriativo@gmail.com

• *Livros iluminam* •

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em maio de 2021.
